



# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB  
HA

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# A imagem de um museu em chamas

Helena Wilhelm Eilers, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/0000-0002-3353-985X>  
helenaweilers@gmail.com

## Resumo

A presente comunicação parte da leitura realizada por Michel Löwy, em "Aviso de Incêndio: sobre 'o conceito de história' de Walter Benjamin", para refletir sobre a relação feita por Benjamin entre o progresso e o castigo eterno da repetição. Ao repararmos que o incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro não é um caso isolado na realidade brasileira, sugerimos que a única maneira de sair desse loop infernal é manter o acontecimento vivo, deixar essas faíscas sempre no presente, para que o incêndio não seja apenas aquilo que já passou. Com o aporte teórico de Georges Didi-Huberman, propomos que, para que esses eventos não sigam retornando, eles não devem ser guardados como parte do passado, mas sim sempre reimaginados e tornados visíveis.

**Palavras-chave:** Patrimônio. Museu Nacional. Imagem. Incêndio. Walter Benjamin.

## Abstract

This article takes as its starting point Michel Löwy's texts, in "Fire Alarm. Reading Walter Benjamin's 'On the Concept of History'", to reflect on the relationship made by Benjamin between progress and the eternal punishment of repetition. When noticing that the fire at the National Museum of Rio de Janeiro is not an isolated case in the Brazilian reality, we suggest, throughout this article, that the only way out of this infernal loop is to keep the event alive: it is only by leaving these sparks in the present that the fire it won't just be what's gone by. With the theoretical contribution of Georges Didi-Huberman, we propose that these events should not be kept as part of the past, but always reimagined and made visible.

**Keywords:** Patrimony. National Museum. Image. Fire. Walter Benjamin.

## O Museu Nacional Vive

Em setembro de 2021 completaram-se três anos do trágico incêndio que destruiu grande parte do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Desde então, um processo de resgate e reconstrução vem sendo conduzido por entidades e pesquisadores, resultando na recuperação e restauração de peças, na impressão de itens com tecnologia 3D, na doação de acervo e no desenvolvimento de um projeto de reconstrução do prédio histórico. Apesar de todas as adversidades – que inclui a dificuldade na arrecadação de verba, cuja meta ainda não foi atingida, e um período de restrições pandêmicas – a instituição segue o seu processo de reconstrução.

Na data que marcou os três anos da tragédia, o Projeto Museu Nacional Vive<sup>1</sup> lançou, em uma coletiva de imprensa, a campanha #recompõe, pela qual convoca outras instituições a auxiliar na formação do novo acervo da instituição. O objetivo é arrecadar 10 mil peças para serem distribuídas em quatro circuitos expositivos. Nada perto dos 20 milhões de itens que habitavam o prédio antes das chamas, mas certamente um recomeço. Além disso, por meio de licenciamento, já foi definido o consórcio responsável pela obra de restauração e o projeto relativo às fachadas e à recuperação do telhado já foi aprovado pelo Iphan. Se tudo correr como previsto, o Museu Nacional reabre ao público em 2026. Também é possível que ocorra uma abertura parcial em 2022, em virtude das comemorações do Bicentenário da Independência.

Teremos, enfim, um “novo” museu e frases afirmadas na emoção – e na politicagem – do momento se concretizarão, de fato, “vamos reconstruir o museu mais antigo do Brasil!”<sup>2</sup>. Que bom. O que busco nesta comunicação não é minimizar a vontade de ter o Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista mais uma vez de portas abertas, tampouco quero discutir como remontar suas ruínas. Mais do que evocar uma teoria do restauro, com autores como Riegl e Brandi, meu objetivo é falar de memória, pois, para aqueles que acompanham a história do patrimônio cultural brasileiro, esse episódio vem com um sentimento estranho de *deja vú*.

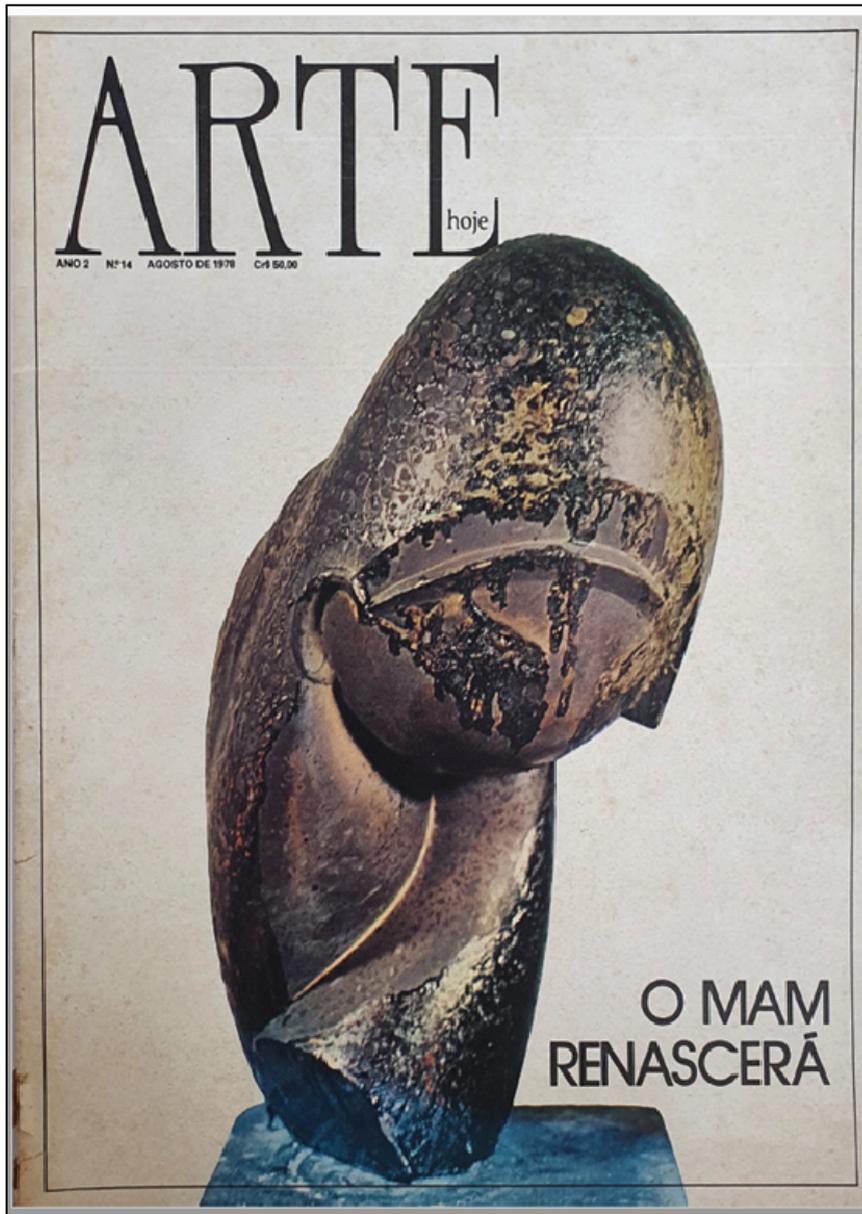
## Um Eterno Renascer das Cinzas

Em agosto de 1978, o periódico *Arte Hoje* estampava sua capa com a seguinte manchete: “O MAM renascerá”. Tal chamada diz respeito ao incêndio que consumiu grande parte do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio, destruindo quase mil obras de importantes artistas, entre eles Picasso, Matisse, Salvador Dalí, Portinari e Di Cavalcanti. Além destes, nenhuma peça da exposição coletiva *Arte Agora II, América Latina: Geometria Sensível*, se salvou. O episódio, entretanto, não

<sup>1</sup> O Museu Nacional Vive é um projeto de cooperação internacional realizado pela UNESCO no Brasil, Fundação Vale e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>2</sup> Uma alusão à frase dita, com diferentes palavras e mesmo significado, por políticos, como o então prefeito Marcelo Crivella, o ministro da Cultura Sérgio Sá Leitão e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia.

foi o primeiro. Em 1957, por exemplo, já constava em outro jornal: “Completamente destruída pelo fogo a Cinemateca do Museu de Arte Moderna”<sup>3</sup>. São diversos os desastres e de diferentes proporções, acontecimentos que vem resultando em muitos acervos perdidos, frente a alguns prédios e obras recuperadas.



**Figura 1.** *Arte Hoje*. Ano 2. N. 14. Agosto de 1978. O MAM renascerá.

<sup>3</sup> Completamente destruída pelo fogo a Cinemateca do Museu de Arte Moderna. Jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 12, 29 jan. de 1957.



**Figura 2.** Matéria publicada no portal G1 de dez. 2015. Portal G1.



**Figura 3** - Matéria publicada no portal O Globo, em 17 out. 2009. : Portal O Globo. Disponível em: [encurtador.com.br/lzLQY](http://encurtador.com.br/lzLQY). Acesso em 9 nov. 2021.

Neste contexto, o Museu Nacional segue seu caminho rumo à reconstrução, como anos antes aconteceu com o MAM Rio e como recentemente ocorreu com o Museu da Língua Portuguesa<sup>4</sup>. Entretanto, enquanto a instituição ainda transita por uma etapa de “renascer das cinzas”, faíscas se acendem em outros cantos, para em breve produzir-se mais escombros e novas tentativas de reconstruções. Logo após a comoção em todo o país com o incêndio do Museu Nacional, outros episódios ocasionaram grandes perdas no Brasil. Em agosto de 2021, houve o caso

<sup>4</sup> O Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, pegou fogo em 2015 e reabriu em 30 de julho de 2021.

da Cinemateca Brasileira, que já havia sofrido com outro incêndio e alagamento. Com o novo incêndio, parte do material virou cinzas antes mesmo de se tornar museu, ironicamente, apenas dois dias antes da reabertura do Museu da Língua Portuguesa. Alguns meses antes, um galpão de armazenamento incendiou nos arredores de São Paulo, contendo diversas obras de artistas brasileiros. Pouco se sabe sobre o material perdido, nem a quantidade, fato que mais uma vez mostra que a criação de uma história da arte brasileira nem sempre coincide entre o que é de interesse público e o que é de interesse privado.

Entre perdas, danos e recuperação dos diferentes tipos de patrimônio, um fato difícil de negar é que, como bem definiu Eliane Brum, “O Brasil é um grande construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”<sup>5</sup>

### O Inferno da Eterna Repetição

Essa fabricação intermitente de escombros da cultura me levou a pensar em *Angelus Novus*, a tão famosa obra de Paul Klee (1879-1940) que aterrissou em território nacional alguns meses após o incêndio do Museu Nacional<sup>6</sup>. Pintada em 1920, a peça divide sua notoriedade em virtude de dois personagens: Klee, evidentemente, por sua autoria, mas também Walter Benjamin, que mais tarde designaria àquela imagem a alcunha de “o anjo da história”: um ser de olhar desesperado, que prenuncia a destruição. A narrativa já é conhecida, entretanto é válido recapitulá-la. A obra foi adquirida por Benjamin durante sua juventude e deu origem a um de seus textos mais famosos, o qual é constantemente ressignificado: a *Nona Tese sobre o Conceito de História*.



**Figura 4.** KLEE, Paul. *Angelus Novus*, 1920, tinta nanquim, tinta a óleo, papel e aquarela.

<sup>5</sup> A frase dá nome ao livro de Eliane Brum e também aparece no texto “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”, publicado na coluna da autora no El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822\\_774583.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html?rel=mas). Acesso em: 9 nov. 2021.

<sup>6</sup> A exposição Equilíbrio Instável levou mais de 100 obras de Paul Klee ao Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, de fevereiro a novembro de 2019. O quadro *Angelus Novus* se tratava, na verdade, de um fac-símile, informação relevante, quando dialogamos com o do autor de *Obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Tal dado também é importante para esta comunicação, já que indica, indiretamente, o poder de uma imagem suscitar reflexões, mesmo não se tratando da obra em si.

Com uma clara influência do romantismo alemão e do seu messianismo judeu, traz no papel alegórico do anjo, o mensageiro do desencanto moderno, um ser que, de costas para o futuro, olha para um passado e encara de frente um monte de ruínas. Esse anjo gostaria de parar e juntar esses destroços, despertar os mortos, mas não pode. O anjo, segue sendo empurrado para o futuro pela tempestade do progresso. A tese, breve porém poderosa, é sempre digna de ser publicada na íntegra:

Existe um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar pronto a afastar-se de algo em que crava seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta, suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros cresce até o céu. O que nós chamamos progresso é essa tempestade”<sup>7</sup>.

Conforme Penido, a afeição de Benjamin pelas alegorias muito tinha a ver com a possibilidade de descontextualização das mesmas, as quais, diferente da significação simbólica, podem se desenvolver sempre de formas novas, sob recriações infinitas<sup>8</sup>. Assim, lembrando o anjo e em meio às nossas ruínas, sugerimos um diálogo com Michel Löwy e sua obra *Aviso de incêndio: uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de história’ de Walter Benjamin (2015)*. Segundo Löwy, o que Benjamin descreve na sua tese nove, pouco tem a ver com a pintura propriamente dita. Fazendo uso das alegorias, Benjamin projeta, a partir da tela, seus próprios sentimentos para fazer uma crítica ao progresso desenfreado e a uma visão extremamente positivista da história<sup>9</sup>.

A atitude de Benjamin, afirma Löwy, consiste em desmistificar o progresso e fixar “um olhar marcado por uma dor profunda e inconsolável – mas também por uma profunda revolta moral – nas ruínas que ele produz.” Essas ruínas, como Löwy aponta, não seriam mais aquelas das quais fala Hegel, que atuariam como “provas da ‘decadência de impérios’”, mas são, sobretudo, “uma alusão aos grandes massacres da história [...]”. Nas palavras do autor, “os escombros tratados aqui não

---

<sup>7</sup> As teses já foram publicadas em algumas compilações de textos de Walter Benjamin, com diferentes traduções. Neste texto optamos por utilizar a tradução de Gagnebin e Muller e publicada no livro em: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo editorial, 2015, p. 87.

<sup>8</sup> PENIDO, Stela. *Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. O que nos faz pensar*, v. 1, n. 01, p. 61-70, 1989, p. 66-77.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 92.

são, como entre os pintores ou poetas românticos, um objeto de contemplação estética, mas uma imagem dilacerante das catástrofes, dos massacres e de outros ‘trabalhos sangüinários da história’”.

Desta análise, destacamos a correspondência entre a modernidade e a condenação ao inferno, feita por Benjamin e comentada por Löwy, em *Aviso de incêndio*. Tal relação teria sido feita por Benjamin em diversos momentos da escrita do autor, sendo que esse inferno não estaria em um outro plano, nem num futuro. Para Benjamin, “o inferno não é o que nos espera – mas essa vida aqui”<sup>10</sup>. Entretanto, mais do que enxergar na ideologia cristã a quintessência das trevas, Benjamin se volta à mitologia: o inferno se dá na repetição. Na imposição de um castigo eterno, tal como Sísifo e Tântalo recebem suas devidas punições e as repetem ininterruptamente e para sempre<sup>11</sup>.

Ao encarmos a história, tal como o *Angelus Novus*, não demoramos a perceber e afirmar: este país se tornou um inferno e fomos penalizados com o castigo eterno da repetição. Um acervo atrás do outro queimando nosso passado e entrando para nossa história desastrosa num ciclo viciante que volta a se repetir: com as chamas apagadas e, com sorte, parte do acervo e prédio reconstruído, faíscas se preparam para arder em outra instituição. Assim, surge a pergunta: como seguir sempre em frente sem cair no *loop* infernal desta eterna repetição?

## A Imagem de um Museu em Chamas

Há, com certeza, todo um grande e conhecido problema de precarização da cultura e descaso com o patrimônio, que faz dessas tragédias geralmente anunciadas. Porém, há também outra questão, esta relacionada à memória traumática. Gagnebin<sup>12</sup> vai trabalhar ao longo de seu artigo, como apagar os rastros, seja a sepultura ou palavras, é uma maneira de apagar radicalmente a memória. Cabe ao historiador rememorar o passado, lembrar esses mortos para que tragédias e terror não voltem a se repetir<sup>13</sup>. O Brasil nunca lidou bem com seus traumas em diversos âmbitos, vide a falta de memória da ditadura militar que, na ausência clara e pública de seus vestígios, volta a ser questionada hoje em dia. Num outro contexto, mas que resguarda semelhanças, o arquivo do MAM, no qual constavam os rastros e registros do incêndio, foi por muitos anos de difícil acesso, mesmo para os pesquisadores. Com uma política da memória que evita evidenciar seus traumas, não é de estranhar que até pouco tempo era comum que pessoas

---

<sup>10</sup> Neste contexto, Benjamin cita a passagem de Engels, na qual compara a interminável tortura do operário, forçado a repetir sem parar o mesmo movimento mecânico. O autor prossegue, afirmando: “Mas não se trata apenas do operário: toda a sociedade moderna, dominada pela mercadoria, é submetida à repetição, ao sempre igual (*immergleich*) disfarçado em novidade e moda: no reino mercantil, ‘a humanidade parece condenada às penas do inferno’” (LÖWY, p. 90).

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 17, 1998.

<sup>13</sup> Idem.

desconhecessem totalmente o episódio ou sua dimensão, mesmo moradores do Rio de Janeiro ou estudantes de Artes Visuais.

No caso do Museu Nacional, o incêndio foi amplamente coberto e divulgado e, de fato, tratado como uma grande catástrofe na história do país. Porém, na sociedade do espetáculo, é necessário ficar atento para que a quantidade de luzes não ofusque rapidamente as chamas. Destacamos uma pesquisa realizada por Beiguelman e Lavigne<sup>14</sup> (2021), na qual foram analisadas as buscas pela instituição na internet e as postagens no Instagram com a *hashtag* #MuseuNacionalVive<sup>15</sup>. Após vivenciarmos “talvez o primeiro *telememoricídio* da história, registrado e replicado até a exaustão, na internet e na televisão”<sup>16</sup> pensou-se que tal tragédia seguiria acesa na memória coletiva e nos debates públicos. Porém, como mostram as autoras, há indícios de que o interesse pelo Museu não esteja mais tão vivo assim. Após um pico de buscas por “Museu Nacional” entre o dia dois e três de setembro de 2018, o número rapidamente caiu até que quase zera no nono dia do mês<sup>17</sup>. Assim, escrevem, “Um ano depois, a triste hipótese foi confirmada: as tendências nas pesquisas sobre o museu eram quase idênticas às anteriores ao incêndio”.<sup>18 19</sup>

No caso do Instagram, cuja análise mais detalhada não cabe neste artigo, Beiguelman e Lavigne concluem que “se a vigilância do produtor do testemunho existe para evitar que esses eventos voltem a acontecer, com o Museu Nacional não foi o caso. Embora altamente reproduzidas, as imagens do museu em chamas circularam apenas por alguns dias”<sup>20</sup>. Segundo as autoras, logo a *hashtag* #MuseuNacionalVive passou a ser predominante nas postagens e não tardou a se tornar a marcação oficial da campanha institucional. Entretanto, para elas, essa construção positiva em cima de um grande desastre tende a colaborar com uma política de esquecimento, dificultando que sejam elaborados debates sobre as causas e consequências do incêndio:

Diante desse cenário, a ideia de que o Museu Nacional vive sugere uma memória traumática de forma peculiar. Ao invés de se apegar

---

<sup>14</sup> BEIGUELMAN, Giselle; LAVIGNE, Nathalia de Castro. Memento mori: Museu Nacional e o arquivo sem museu. Contemporânea - Revista do PPGART/UFES, v. 3, n. 6, 2021.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> “O termo *memoricídio* foi criado por Mirko Grmek em 1991 no contexto das guerras dos Balcãs, mas disseminado por Ivan Lovrenovic no ensaio “The Hatred of Memory” (1994), para o The New York Times. Entendida como a intenção de destruir todos os vestígios da existência cultural de uma nação em um determinado lugar, essa noção evoca um discurso semelhante contra a memória notado em muitos processos de apagamento da história brasileira. Beiguelman (2019).” BEIGUELMAN, 2019 apud BEIGUELMAN; LAVIGNE, op. cit, p. 8.

<sup>17</sup> Segundo a ferramenta Google Trends.

<sup>18</sup> BEIGUELMAN; LAVIGNE, op.cit. p. 4.

<sup>19</sup> “Analisamos um grupo de aproximadamente 6.500 postagens reunidas na *hashtag* #museunacionalvive entre 2 de setembro de 2018 e 2 de setembro de 2019, além da conta do Museu Nacional, para identificar padrões entre as imagens que poderiam estar relacionadas à ideia de um memorial.”, além disso “evitamos analisar as postagens de marketing mais explícitas que a certa altura começaram a dominar essa *hashtag*. Embora seja um conteúdo importante por indicar como a instituição se apresenta após o incêndio, esse conjunto também ofusca o caráter espontâneo de como o público cria suas memórias sobre o museu, o que mais interessa nessa pesquisa.” (BEIGUELMAN; LAVIGNE, 2021, p. 7)

<sup>20</sup> Ibid., p. 9.

ao passado, as postagens compartilhadas nessa hashtag evitam problematizar o abandono que culminou em seu incêndio, construindo uma presença positiva que se torna virtualmente mais real do que as circunstâncias de sua perda material simbólica e irreversível<sup>21</sup>.

Este estudo é um bom exemplo de como algumas atitudes positivas podem deixar mais uma vez que o novo e o progresso apaguem as chamas e que a maldição de Sísifo siga reinando em território nacional. Num caminho oposto ao *refazer*, está a opinião de Eduardo Viveiros de Castro, mais voltada ao *relembrar*. Em entrevista concedida no dia seguinte ao incêndio, o antropólogo e professor do Museu, afirma que o prédio da instituição deveria ser preservado como um *memento mori*, uma “memória dos mortos, das coisas mortas, dos povos mortos, dos arquivos mortos, destruídos nesse incêndio”<sup>22</sup>. Papillon<sup>23</sup> compartilhando de opinião semelhante, escreve logo após o acontecimento um texto-manifesto a favor da criação de um Museu da Destruição Nacional, no qual “Os visitantes passearão por cima de escombros conhecendo de que modo se destruiu muitos dos nossos melhores projetos. Futuras civilizações saberão pelos cacos que sobram dos nossos dias, o que fizemos de nós, do Brasil.”<sup>24</sup>

Como dito anteriormente, mais do que palpitar sobre a reconstrução de um novo museu, gostaria de pensar em como olhar para *aquela* Museu Nacional, que não existe mais e nem vai existir. Se um museu é feito do seu acervo, é preciso admitir que hoje o que temos são escombros e que a grande maioria de suas peças, habitam, enquanto imagem, um “museu imaginário memorialístico”, sendo “um arquivo sem museu”<sup>25</sup>. Trazer a imagem do museu em chamas, é uma maneira de reclamar a necessidade de manter esses desastrosos eventos vivos, não como acervo do passado, bem guardado e documentado dentro de arquivos, mas como um museu que segue ardendo, sempre no Agora. Para além de um Museu Nacional Vive, é pensar que também, nas imagens sobreviventes, vive o Museu Nacional e parte de sua história, e que essas imagens refletem um Brasil, não como retrato do passado, mas são fotografias de um Brasil do presente. Como propõe Didi-Huberman, é preciso sempre voltar imaginar e tornar os acontecimentos visíveis das mais distintas maneiras, não como algo que foi superado, mas posicionando nosso corpo, sempre político, frente (ou talvez junto) a elas<sup>26</sup>. Elas precisam arder. Enquanto essas fotografias nos olharem de volta, podemos desconfiar que a aura do que foi o Museu Nacional ainda vive ali<sup>27</sup>. Existe uma

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 16.

<sup>22</sup> Apud BEIGUELMAN; LAVIGNE, 2021, p. 3. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/09/04/culturaipilon/entrevista/eduardo-viveiros-de-castro-gostaria-que-o-museu-nacional-permanecesse-como-ruina-memoria-das-coisas-mortas-1843021>. Acesso: 9 nov. 2021

<sup>23</sup> PAPIILLON, Beatrice. O museu da destruição nacional (Carta ao IPHAN). Ilha de Santa Catarina: par(ent)esis, 2018.

<sup>24</sup> Ibid. p. 6.

<sup>25</sup> BIEGUELMAN; LAVIGNE, 2021, op. cit. p. 4.

<sup>26</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. São Paulo: Editora 34, 2020.

<sup>27</sup> DIDI-HUBERMAN Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

grande diferença entre fazer delas “simplesmente imagens” ou “imagens, apesar de tudo”. Arquivar essas memórias do passado é causar uma segunda morte: a primeira em decorrência do fogo, a segunda como ação seletiva do esquecimento, portanto, voltar ao incêndio sempre que possível é colaborar para que tais tragédias não virem arquivo-morto da memória.

Lembrar o Museu é manter o incêndio no presente e talvez essa seja uma maneira de quebrar o ciclo vicioso do descaso e destruição envoltos em nosso castigo da eterna repetição, evitando o desastre futuro. Se um novo museu e novo acervo estão sendo construídos com vestígios de passados, é preciso ter cuidado para que não nos reste somente a imagem positiva do restauro, do futuro, da reconstrução, do progresso. É necessário não empurrar constantemente as cinzas para debaixo do tapete, senão cá estaremos nós mais uma vez, feito Sísifo, levando a pedra novamente para cima da montanha. Estamos felizes, o cume está logo ali. Mas sabemos que é questão de tempo para que logo em seguida a pedra volte a cair, que outro acervo volte a queimar.

Aludindo uma última vez ao *Angelus Novus*, o anjo da História, Michael Löwy vai escrever, analisando a tese de Benjamin, que aquele ser “gostaria de parar, cuidar das feridas das vítimas esmagadas sob os escombros amontoados, mas a tempestade o leva inexoravelmente à repetição do passado: novas catástrofes, novas hecatombes, cada vez mais amplas e destruidoras”.<sup>28</sup> Nós, humanos, estamos também sendo impelidos para o progresso e, de fato, não podemos e não queremos andar para trás, muito pelo contrário. Diferente do anjo, entretanto, não estamos de costas para o futuro, o encaramos de frente, por mais que pouco possamos ver por detrás de suas asas abertas, como um sinal de alerta. Talvez o que nos falte seja justamente nos virarmos com mais frequência para trás, não com o intuito de reviver o passado, ao contrário, prestar mais atenção nas ruínas, entender os nossos traumas e aprender com a tragédia. É preciso lembrar que o anjo é apenas o mensageiro da catástrofe, e que ele seguirá, mas cabe a nós humanos profanos tomar uma atitude, pois, enquanto o anjo se assombra com as nossas ruínas, nós, de frente para o futuro, damos as costas para elas. Em uma interpretação da nona tese, o professor Mauro Baptista, escreve a respeito deste anjo, afirmando que ele

Está definitivamente preso a essa realidade, mas sua prisão está decretada por ele ser apenas um mensageiro. A prisão humana, pelo contrário, não está decretada definitivamente. O homem se prende a ela para não precisar tomar uma atitude. O assombro do anjo se dá por saber muita coisa, o assombro do homem se dá por não querer fazer nada diante daquilo que ele já sabe.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> LÖWY, 2015, p. 90.

<sup>29</sup> BAPTISTA, Mauro Rocha. Sobre anjos e folhas secas: em torno do *Angelus Novus* de Paul Klee. *HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 7, n. 13, p. 127-141, 2008.

E segue:

A crença de que uma tempestade impele homens e anjos apenas vela o fato de que esses homens sequer compreendem a mensagem dos anjos. Não se permitindo a experiência autêntica da realidade, os homens se permitem ser jogados ao vento, quando tudo que a tempestade divina quer deles é que sustentem ao menos seu próprio peso.<sup>30</sup>

Passaram-se três anos do incêndio do Museu? Não. O Museu segue em chamas. O Brasil também.



**Figura 5.** Bombeiros tentando controlar o incêndio do Museu Nacional. Francisco Proner/Farpa/Vice

---

<sup>30</sup> Idem.



**Figura 6.** Escombros do Museu Nacional após o incêndio. Carlos Fabal/ National Geographic Brasil.

## Referências

- BAPTISTA, Mauro Rocha. Sobre anjos e folhas secas: em torno do Angelus Novus de Paul Klee. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 7, n. 13, p. 127-141, 2008.
- BEIGUELMAN, Giselle; LAVIGNE, Nathalia de Castro. Memento mori: Museu Nacional e o arquivo sem museu. *Contemporânea - Revista do PPGART/UFSM*, v. 3, n. 6, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.
- \_\_\_\_\_. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 17, 1998.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo editorial, 2015.
- PAPILLON, Beatrice. *O museu da destruição nacional (Carta ao IPHAN)*. Ilha de Santa Catarina: par(ent)esis, 2018.

**Como citar:**

WILHELM EILERS, Helena. A Imagem de um museu em chamas. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 578-590, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.048>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>